

Revista Portuguesa de Educação
Universidade do Minho
rpe@iep.uminho.pt
ISSN (Versión impresa): 0871-9187
PORTUGAL

2003
Antonio Chizzotti
A PESQUISA QUALITATIVA EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS: EVOLUÇÃO E
DESAFIOS
Revista Portuguesa de Educação, año/vol. 16, número 002
Universidade do Minho
Braga, Portugal
pp. 221-236

A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios

Antonio Chizzotti

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Resumo

O texto analisa a evolução da pesquisa qualitativa, periodizando sua evolução no século passado, e indicando os desafios atuais que as pesquisas qualitativas suportam. A abrangência, que o lexema 'qualitativo' exprime em pesquisa, sugere a crescente complexidade de questões que informaram tais pesquisas. A evolução a partir de alguns marcos significativos mostram as diferentes concepções e contribuições que transformaram as pesquisas qualitativas e constituíram um amplo movimento de idéias, práticas e técnicas de pesquisa em ciências humanas em oposição a um modelo único.

Introdução

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles.

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa.

Diferentes tradições de pesquisa invocam o título qualitativo, partilhando o pressuposto básico de que a investigação dos fenômenos humanos, sempre saturados de razão, liberdade e vontade, estão possuídos de características específicas: criam e atribuem significados às coisas e às pessoas nas interações sociais e estas podem ser descritas e analisadas, prescindindo de quantificações estatísticas. Muitos são os autores que se autodenominam qualitativos, diferenciando-se por pressupostos teóricos ou metodológicos, técnicas de investigação ou objetivos da pesquisa. Opõem-se, de modo geral, à *quantitativa* enquanto esta recorre à quantificação como única via de assegurar a validade de uma generalização, pressupondo um modelo único de investigação, derivado das ciências naturais, que parta de uma hipótese-guia, só admita observações externas, siga um caminho indutivo para estabelecer leis, mediante verificações objetivas, amparadas em frequências estatísticas.

Obras panorâmicas da pesquisa qualitativa mostram a amplitude e diversidade de tendências que se abrigam sob o epíteto 'qualitativo' (v. Denzin e Lincoln, 2000). Diferentes orientações filosóficas e tendências epistemológicas inscrevem-se como direções de pesquisa, sob o abrigo qualitativo, advogando os mais variados métodos de pesquisa, como entrevista, observação participante, história de vida, testemunho, análise do discurso, estudo de caso e qualificam a pesquisa como pesquisa clínica, pesquisa participativa, etnografia, pesquisa participante, pesquisa-ação, teoria engendrada (*grounded theory*), estudos culturais etc. As pesquisas tomam, por sua vez, formas textuais originais, recorrendo a todos os recursos lingüísticos, sejam estilísticos, semióticos ou diferentes gêneros literários, como conto, narrativas, relatos, memórias; recursos estilísticos diferenciados permitem apresentar de forma inovadora os resultados de investigações, criando um excitante universo de possibilidades. Além desta ampliação de meios e estilos, convém reconhecer que aportam cada vez mais à pesquisa qualitativa muitos pesquisadores, que mesmo formados e familiarizados com a pesquisa convencional, interessam-se crescentemente pelas questões da pesquisa qualitativa para atender às demandas de novos pesquisadores que interrogam sobre os fundamentos e possibilidades da pesquisa qualitativa ou querem assumir uma via qualitativa nas pesquisas que realizam. Territórios amplamente explorados pela pesquisa convencional, como pesquisas de

opinião, de atitudes, de tendências eleitorais socorrem-se mais e mais da pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa abriga, deste modo, uma modulação semântica e atrai uma combinação de tendências que se aglutinaram, genericamente, sob este termo: podem ser designadas pelas teorias que as fundamentam: fenomenológica, construtivista, crítica, etnometodológica, interpretacionista, feminista, pós-modernista; podem, também, ser designadas pelo tipo de pesquisa: pesquisa etnográfica, participante, pesquisa-ação, história de vida etc. É, ainda, denominada *naturalística*, enquanto o pesquisador partilha *in loco* do ambiente natural (Lincoln e Guba, 1985) onde as pessoas vivem e dão sentido aos seus atos, embora o termo naturalismo para os fenomenólogos, seguindo a crítica de Husserl (1980, 1985), dêem ao termo uma conotação muito diversa: o naturalismo, segundo ele e seus seguidores, afirma que a natureza é a única realidade e só admite a existência de objetos físicos ou naturais; outros preferem denominar *pesquisa de campo* para designar o local físico e social onde os dados foram coletados em diferenciação aos locais que exercitam o controle, como laboratórios; genericamente chamada, também, por alguns, pesquisa de *cunho etnográfico, fenomenológico, construtivista, etc.* para indicar a adoção dos fundamentos e procedimentos da pesquisa sem, contudo, adotar todas as particularidades de um estudo de uma disciplina científica. ImproPRIAMENTE e, às vezes, ironicamente, é designada pesquisa leve (*soft*), realizada no convívio com pessoas e fatos, oposta às ciências que se autodenominam duras (*hard*), realizadas na impessoalidade dos dados, nas clausuras laboratoriais ou em laboriosas exegeses estatísticas.

A evolução desta modalidade de pesquisa, marcada por rupturas mais que por progressão cumulativa, abriga tensões teóricas subjacentes que cada vez mais a distanciam de teorias, práticas e estratégias únicas de pesquisa.

Evolução da pesquisa qualitativa

A evolução histórica da pesquisa qualitativa, com todas as questões e tensões ainda sobre-restantes e inovações crescentes, tem sido sintetizada por diversos autores (Bodgan e Biklen, 1994; Erikson, 1986; Kirk e Miller, 1986; LeCompte, Millroy e Preissle, 1992; Denzin e Lincoln, 2000; Vidich e Lyman, 2000), que resumiram as transformações e progressos da

investigação qualitativa no século XX, demarcando os momentos mais significativos de seu desenvolvimento.

Um breve retrospecto, que sintetize as transformações e as contribuições novas que ampliaram o campo e o significado da pesquisa qualitativa, pode ser delimitado em cinco marcos, ainda que seus limites tenham muito de arbitrário e não possam estar confinados em datas precisas.

Um *primeiro marco* remonta às raízes mais remotas da pesquisa qualitativa e está associado ao romantismo e ao idealismo, e às querelas metodológicas do final do século XIX, reivindicando uma metodologia autônoma ou compreensiva para as ciências do *mundo da vida* procurando, a partir do neokantismo, estabelecer as fases evolutivas pregressas da sociedade européia ocidental, contraposta a outros povos colonizados ou a culturas primitivas.

Alguns estudos empenharam-se em descrever as precárias condições do mundo da vida dos trabalhadores urbanos e rurais, na era da industrialização, recorrendo a registros e documentação das adversas condições de vida dos operários, e produzindo monografias sobre os operários europeus franceses (Le Play, 1806-1982), as condições dos trabalhadores ingleses (Engels, 1845/1986), levantamentos estatísticos e descritivos dos pobres londrinos (Booth, cf. Webb, 1926) e os estudos ilustrativos da pobreza (Mayhew, 1851-1862). Na apresentação de suas buscas, apropriavam-se das novas questões teóricas e metodológicas mostradas pelo mundo dramático da vida desses personagens. As descrições das mazelas de vidas ignoradas ou exploradas constituíam denúncias candentes das condições vividas e preconizavam urgentes ações saneadoras das adversidades reveladas.

Outros estudos europeus, inspirados no evolucionismo de Darwin e Spencer, procuraram os elos bio-naturais e espaço-temporais do mundo da vida, desejando identificar as fases evolutivas que trazem o passado ao momento presente. A busca das raízes arcaicas da vida humana, ante a carência de documentos formais, pôde ser encontrada nas evidências remanescentes, ainda subsistentes em formas de vida primitivas. Comte (1984), na sua proposição positivista, na metade do século, inspira a adoção de um método “comparativo” para o estudo da diversidade de sociedades e culturas, que demonstre a cadeia evolutiva diacrônica dos seres humanos que

progridem de estágios primitivos até o mundo civilizado e explique o estágio sincrônico desigual da vida intelectual e moral dos povos. O método propõe estabelecer uma classificação diacrônica de três estágios: civilizados, bárbaros e primitivos, descrevendo os elementos e as características de cada estágio, elencando os elementos constitutivos e definindo as categorias de transição progressiva do mundo primitivo para o mundo desenvolvido. Muitos estudos, inspirados pela filosofia positiva, tenderam a realizar levantamentos classificatórios de informações que comprovariam os estágios hipotéticos comteanos ou, ao menos, permitiriam fazer classificações de grupos sociais.

O *segundo marco* ocupa a primeira metade do século XX quando, impulsionada pelos estudos sócio-culturais, a antropologia constituiu-se em disciplina distinta da história e procura estabelecer meios de estudar como vivem grupos humanos, partilhando de suas vidas, no local onde vivem e como dão sentido às suas práticas e coesão ao seu grupo. O historicismo alemão, trazendo, de um lado, os debates em torno da fundamentação das 'ciências do espírito', ou seja, o domínio do mundo da vida enquanto objetivações cujo significado exige um esforço compreensivo e, de outro, o desenvolvimento de uma metodologia das ciências histórico-sociais abriam novas perspectivas analíticas para a investigação dos fatos humanos e sociais. O nacionalismo favorecia a recuperação do local sobre o universal, dos costumes, práticas populares e do folclore como vestígios de tempos vividos, como objetos de relevância científica. Novas disciplinas científicas afirmam-se, respaldadas na explicitação de suas fundamentações. A história, a antropologia, a sociologia, a educação consolidam-se como novos campos de investigação científica. A pesquisa começa a se profissionalizar: torna-se produto exemplar de um pesquisador acadêmico renomado que foi viver em lugar distante e original para estudar um grupo primitivo, diferente de sua cultura, partilhando do lugar, das experiências vividas, de suas práticas, ritos e celebrações para descobrir o sentido que eles dão a tudo isso. A descrição destes povos ganha um forma particular com a formulação de um modelo de descrição do mundo da vida de povos primitivos, a etnografia, com Malinowski (1976), em 1922, um antropólogo britânico de origem polonesa que descreveu o modo como trabalhou em campo e colheu os dados em sua prolongada permanência com povos da Nova Guiné e das ilhas Trobriand, na Melanésia. Forçado pela guerra a permanecer na Austrália tempo maior que o previsto, conviveu de modo direto e durável com os investigados, participando da vida

nativa e procurando compreender o significado que os nativos atribuíam aos ritos, normas e fatos cotidianos e dar uma conotação científica ao seu relato, segundo as exigências positivísticas da pesquisa. A etnografia, porém, ainda que tendo Malinowski como referência, tem uma tradição mais remota: pode ser encontrada nos relatórios coloniais e nas descrições de outros povos, relatadas pelos conquistadores de suas novas possessões ou de indígenas (Vidich e Lyman, 2000).

A etnografia, neste período, e o trabalho de Malinowski é, nisso, exemplar, busca fundamentar a descrição científica das observações sobre a vida do “outro”, procurando enquadrar seu relato nos critérios científicos canônicos de validade, confiabilidade e objetividade. O pesquisador descreve o caos dos fatos observados, estabelece os fundamentos da análise, os critérios de comprovação para extrair interpretações generalizantes fidedignas.

No começo do século, um grupo de pesquisadores reunidos em torno do Departamento de Sociologia de Chicago, criado em 1892, por Thomas que desenvolve com Znaniecki um longo estudo sobre as condições dos camponeses poloneses na Europa e na América (Thomas e Znaniecki, 1927), busca fundamentar uma metodologia para estudar o “outro” baseada no convívio com os fatos e as pessoas, e nos relatos que elas fazem de suas experiências vividas, utilizando a linguagem ordinária da vida cotidiana. O núcleo sociológico central da escola — o homem e seu meio ambiente — ganhou força com o ingresso no Departamento, em 1916, de Robert Ezra Park, que fora jornalista, e animou os alunos a irem observar, nas ruas da cidade, as condições de adaptação dos habitantes ao seu habitat. Os estudos sobre a cidade elegeram micro grupos urbanos característicos, em equilíbrio precário com o meio, produzindo trabalhos etnográficos sobre o gueto, a gang, o taxista, o vagabundo, o ladrão, enfim, grupos à margem que poderiam ser reintegrados à vida urbana.

A escola de Chicago criou um método interpretativo realista a partir das narrativas orais de história de vida cotidiana de pessoas comuns, adotando um realismo literário que utilizava a linguagem, as percepções, os sentimentos e os pontos de vista dos pesquisados; o pesquisador assume uma posição empática com o ambiente, as pessoas e os problemas que aborda, confiante de que a descrição dos problemas identificados é, também, o meio tanto de revelação quanto de solução desses problemas sociais.

A pesquisa de extração etnográfica é, no período, produto de um investigador reconhecido que se submeteu a um tirocínio de campo, indo de encontro a uma cultura nativa distante e intacta para experimentar a realidade *in loco* e, com seus registros e anotações, retorna à academia para redigir um relato objetivo da realidade observada, discriminando os fatos particulares registrados que autorizam generalizações válidas e fidedignas da “outra cultura”, cristalizada em práticas primitivas, tida como etapa pregressa da vida civilizada. O cientista solitário apreende e explica, em seu texto, ao público acadêmico a vida do “outro”, ostenta os objetos documentários que coligiu, interpreta o estágio epocal da cultura estudada e, em geral, avalia a cristalização dessa cultura, no tempo.

Esses estudos e a morfologia das pesquisas tornam-se exemplares, meticulosamente reproduzidos por iniciantes em pesquisa, adotando-se seus pressupostos, procedimentos, suas técnicas e instrumentos para comprovar a validade da pesquisa. Os autores paradigmáticos ou as pesquisas exemplares constituíam fundamentos de validade científica, diante da soberania das pesquisas experimentais.

Um *terceiro marco*, demarcado entre o após II Guerra até os anos 70, é a fase áurea da pesquisa qualitativa que se consolida como um modelo de pesquisa, a partir dos cânones estabelecidos nos períodos precedentes. Reelaboram-se os conceitos de objetividade, validade e fidedignidade, procurando definir a formalização e a análise rigorosas dos estudos qualitativos, ainda inspirados no discurso positivista, revestido de argumentos pós-positivistas, admitindo-se o princípio de falseabilidade: a ciência produz teorias mais verossímeis, isto é, de fatos verificáveis extrai-se conseqüências verificadas que podem, por sua vez, serem refutadas ou *falseadas* por novos fatos (Popper, 1975, 1984) ou, ainda, que os critérios de validade interna ou externa da pesquisa quantitativa devem socorrer-se de critérios qualitativos em projetos semi-experimentais de pesquisa (Campbell e Stanley, 1963). Como conseqüência, pode-se captar a realidade só parcialmente e produzir uma descrição provisória ou mais verossímil dessa realidade.

Embora a escola de Chicago tenha perdido prestígio, novas teorias oriundas dessa escola, como o interacionismo simbólico (Blumer, 1969), dão suporte à etnometodologia (Garfinkel, 1967), às teorias da construção da realidade social (Berger e Luckmann, 1967) e à dramaturgia (Goffman, 1959). Novas concepções e práticas derivadas da fenomenologia, da hermenêutica,

do marxismo e das teorias críticas neomarxistas trazem novos problemas de estudo sobre culturas diferentes, grupos e subgrupos e introduzem novos aportes teóricos e metodológicos sobre a significação, na pesquisa, do sujeito nas suas interações com outros e com a sociedade.

O debate qualitativo versus quantitativo revigora, de um lado, a contestação do modelo único de pesquisa, a crítica à hegemonia dos pressupostos experimentais, ao absolutismo da mensuração e à cristalização das pesquisas sociais em um modelo determinista, causal e hipotético dedutivo: adensam-se as críticas aos pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos do modelo convencional, reconhecendo-se a relevância do sujeito, dos valores dos significados e intenções da pesquisa, afirmando a interdependência entre a teoria e a prática, a importância da invenção criadora, do contexto dos dados e da inclusão da voz dos atores sociais; de outro lado, a pesquisa qualitativa, ainda atada ao positivismo, empenha-se em dar uma fundamentação rigorosa e formalizar os métodos científicos qualitativos, recorrendo a algum expediente quantitativo. O trabalho do grupo de Beker (Becker, Geer, Hughes e Strauss, 1961) sobre a cultura estudantil de uma escola de medicina é exemplar no esforço de conciliar a pesquisa qualitativa com a quantificação padronizada de observações, transformáveis em estatística legítima, ainda que não se faça uma quantificação precisa (semi estatística).

Os pesquisadores qualitativos contestam a neutralidade científica do discurso positivista e afirmam a vinculação da investigação com os problemas ético-políticos e sociais, declaram-se comprometidos com a prática, com a emancipação humana e a transformação social, adensam-se as críticas aos postulados e exigências das pesquisas unicamente mensurativas (Cicourel, 1964). Ganham vigor os métodos clínicos de observação participante, a coleta partilhada de dados que dê voz aos silenciados e a interpretação significativa que releve o conhecimento supresso por uma concepção unitária de pesquisa; em consonância com estas opções, a entrevista suplanta o questionário, as entrevistas não-diretivas, exploradas por Rogers (1945), são largamente utilizadas; a observação participante rivaliza-se com as amostragens quantitativas, a arte da interpretação sobrepuja a estatística.

A pesquisa científica, neste período, expande-se graças aos recursos crescentes dos fundos públicos e se torna um programa político dos países desenvolvidos, principalmente diante da competição produzida, no período da

guerra fria, após o lançamento do Sputnik, em 1957, e a disputa entre Estados Unidos e União Soviética, pela supremacia científica mundial. Criam-se institutos e centros de pesquisas, reunindo pesquisadores em torno de programas de pesquisa, áreas de conhecimento ou temas específicos, gerando um incremento grande da pesquisa científica.

No *quarto marco*, a década de 70 e 80, ampliaram-se os investimentos públicos e privados; com a expansão dos recursos e o desenvolvimento da pesquisa, das equipes de pesquisadores e centros de pesquisa universitários e institucionais surgem novas orientações e novos paradigmas, refletindo uma mudança de visão sobre a natureza da pesquisa e sua contribuição para a política e a prática (v. *World Yearbook*, 1980-1985), e gerando uma profusão de iniciativas, métodos e técnicas de pesquisa em todas as áreas do conhecimento, conexas com o desenvolvimento e a educação (Landsheere, 1986). As induções apodíticas e as certezas positivas são postas em questão pelos pós-positivistas (Popper, 1975, 1984) e autores com uma larga experiência em pesquisas quantitativas (Campbell e Stanley, 1963; Campbell, 1974; Cromback, 1974) socorrem-se ou reconhecem as virtualidades da pesquisa qualitativa ou são postas em questão as certezas únicas de pesquisa em ciências humanas (Rosaldo, 1989).

Novos temas e problemas originários de classe, gênero, etnia, raça, culturas trazem novas questões teóricas e metodológicas aos estudos qualitativos. Uma confluência de tendências, disciplinas científicas, processos analíticos, métodos e estratégias aportam à pesquisa qualitativa criando um campo amplo de debates, sobre o estatuto da pesquisa.

O estruturalismo, o pós-estruturalismo, o pós-modernismo introduzem críticas à autoridade privilegiada de teorias, certezas, paradigmas, narrativas e métodos de pesquisa e às pretensões de descrições cabais do “outro” que pretendam inscrever, em um texto científico, todos os significados vividos por sujeitos e culturas concretas. A fenomenologia, o marxismo, o positivismo, o construtivismo buscam novos referenciais diante das questões abertas pela crítica, a ética, o estatuto da verdade, o feminismo, o terceiro mundo e as multidões silentes.

As pesquisas desvinculam-se dos referenciais positivísticos e tendem para o estudo de questões delimitadas, locais, apreendendo os sujeitos no ambiente natural em que vivem, nas suas interações interpessoais e sociais,

nas quais urdem os significados e constroem a realidade. Outras disciplinas contribuem para superar o confinamento das pesquisas em estudos microanalíticos ou o isolamento nas interações interpessoais dos atores sociais, a fim de analisar os liames entre a pesquisa e a estrutura social de classe ou avaliar o efeito da pesquisa na mudança social e no desenvolvimento material e cultural da sociedade.

Há uma fusão transdisciplinar das ciências humanas e sociais, cada autor transgindo com diversas disciplinas, buscando ampliar a legitimidade dos temas pesquisados com conhecimentos de diferentes disciplinas e traduzindo-os em formas criativas e inovadoras. Os textos científicos socorrem-se de diferentes gêneros literários para expor os significados extraídos de documentos, práticas, símbolos, como contos, relatos de campo, experiência pessoal, casos etc. ou, ainda, buscam analogias do mundo social com teatro, drama, jogo, dança, gerando uma mixagem de estilística textual que, afirma Geerts, falta apenas “a teoria quântica apresentada em versos ou uma biografia em álgebra” (Geerts, 1998, p. 35).

O *quinto marco*, a década de 90 em diante, está demarcado pelo desaparecimento do único sistema concorrencial ao capitalismo liberal, o comunismo soviético, abrindo caminho para a globalização planetária do capitalismo e ascensão dos programas políticos neoliberais. Se, de um lado ressurgem a confiança nas teses da “sociedade do conhecimento” e o “fim das ideologias” (Bell, 1974) e no poder apaziguante do consumo capitalista, fortalecido pelas novas tecnologias; de outro, aguça-se o vigor analítico das teorias críticas, denunciando as desigualdades subjacentes a essa ilusão igualitária. A posição social do autor da pesquisa, a onipotência descritiva do texto científico, a transcrição objetiva da realidade são postas em questão: o pesquisador está marcado pela realidade social, toda observação está possuída de uma teoria, o texto não escapa a uma posição no contexto político e a objetividade está delimitada pelo comprometimento do sujeito com sua realidade circundante. Mais que contentar-se com o princípio da falseabilidade de Popper (1984) a pesquisa tende a orientar-se, parafraseando Rorty (1985), para uma objetividade solidária ou definir novos padrões de validade e legitimidade

As pesquisas propendem para reconhecer uma pluralidade cultural, abandonando a autoridade única do pesquisador para reconhecer a polivocalidade dos participantes (Fine, 1994; Fine e Weis, 1998; Fine e Powell

et al.,1997; Fine, Weis, Wessen, e Wong, 2000), o padrão textual tende admitir a poliformidade descritiva da vida e da cultura (Lemke,1995; Marcus e Fisher, 1986; Rosaldo, 1989; Gergen, 1991), a legitimidade do texto escrito busca fundamento no percurso reflexivo do autor para obter os resultados (Hertz, 1997), assumindo variadas formas (Ellis e Bochner, 1996), a validade da investigação recorre à possibilidade de se traduzir a experiência humana em um texto (Smith, 1993; Tierney e Lincoln, 1997) e patenteiam-se as virtudes e os limites discursivos sobre a realidade descrita, em um produto científico (Manning e Cullum-Swan,1994). Há, enfim, uma gama de questões teórico-metodológicas abertas pelos pesquisadores qualitativos que, longe de se esgotarem, fertilizam a discussão atual e futura da pesquisa científica em ciências humanas e sociais.

As pesquisas absorvem as temáticas do pós-modernismo para objetar à racionalidade tecno-instrumental, que comanda a pesquisa convencional, a fim de relevar a originalidade criadora da investigação ou recorrem às sensibilidades, que o pós-modernismo invoca, para analisar as possibilidades estéticas dos estilos discursivos ou textuais da pesquisa ou, enfim, recorrem ao pós-modernismo, como crítica política às relações de poder e dominação, que subjazem às relações de classe, gênero, raça, etnicidade, colonialismo e culturas, para desmistificar a neutralidade e apresentar os múltiplos focos de coerção e poder que uma investigação acurada descobre (Clough, 1994; Apple,1996; Behar e Gordon, 1995; Carspecken, 1999; Nicholson e Seidman, 1995).

Conclusão

Um sumário histórico, com todas as limitações implicadas em sínteses, pode indicar que as questões da pesquisa qualitativa, longe de se esgotarem ou de se constituí-la em um modelo único, deixa um horizonte variado de interrogações que se fazem presentes nas pesquisas em ciências humanas e sociais.

A própria atividade pesquisadora tende a se expandir como uma forma de ensino-aprendizagem nas quais as novas gerações serão formadas e, com isso, a pesquisa, como uma prática social relevante, tenderá cada vez mais a trazer novas questões teórico-metodológicas nos anos vindouros. O aumento considerável de publicações sobre questões epistemológicas, metodológicas

e técnicas da pesquisa atesta não só o interesse crescente por uma atividade em franco desenvolvimento, mas, também, a gama de questões suscitadas com o incremento da pesquisa. A obra de Denzin e Lincoln (2000) mostra a densidade de questões presentes na pesquisa atual. Uma agenda futura para a pesquisa sugere que algumas questões candentes continuarão a provocar os pesquisadores: algumas, epistemológicas: a onipresença e onipotência do autor no texto e a relevância do “outro”, o estilo e a validade do discurso como tradução da realidade descrita, o público e a apresentação perfunória ou performática do texto científico; outras, ético-políticas, como os fins sociais da pesquisa, a voz dos silentes, o poder e a emancipação, a solidariedade e participação na transformação deliberada da vida humana. Cresce, porém, a consciência e o compromisso de que a pesquisa é uma prática válida e necessária na construção solidária da vida social, e os pesquisadores que optaram pela pesquisa qualitativa, ao se decidirem pela descoberta de novas vias investigativas, não pretenderam, nem pretendem furtar-se ao rigor e à objetividade, mas reconhecem que a experiência humana não pode ser confinada aos métodos nomotéticos de analisá-la e descrevê-la.

Referências

- APPLE, M. (1996). *Cultural politics and education*. New York: Teachers College Press.
- BEHAR, R. & GORDON, D. A. (1995). *Women writing culture*. Berkeley: University of California Press.
- BECKER, H. S.; GEER, B.; HUGHES, E. C. & STRAUSS, L. (1961). *Boys in White: students culture in medical school*. Chicago: Chicago University Press.
- BELL, D. (1974). *The coming of post-industrial society*. London.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. (1983). *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.
- BLUMER, H. (1969). *Symbolic interactionism*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- BODGAN, R. & BIKLEN, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- CAMPBELL, D. T. & STANLEY, J. C. (1963). Experimental and quasi-experimental designs for research. In G. Gage, *Handbook for research on teaching*. Chicago: Rand McNally, pp. 171-246.
- CAMPBELL, D. T. (1974). *Qualitative knowing in action research*. Communication to Assembly of American Psychological Association. Los Angeles.
- CARSPECKEN, P. F. (1996). *Critical ethnography in educational research. A theoretical and practical guide*. New York: Routledge.

- CARSPECKEN, P. F. (1999). *Four scenes for posing the question of meaning and other essay in critical philosophy and critical methodology*. New York: Peter Lang.
- CLOUGH, P. T. (1994). *Feminist thought: Desire, power, and academic discourse*. Cambridge, MA.: Blackwell.
- COMTE, A. (1984). *Curso de filosofia positiva*. São Paulo: Abril Cultural.
- CICOUREL, A. V. (1964). *Method and measurement in sociology*. New York: Free Press.
- CROMBACK, L. J. (1974). *Beyond the two disciplines of scientific psychology*. Communication to Assembly of American Psychological Association, Los Angeles.
- DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. (Eds.), (2000). *Handbook of qualitative research*. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, pp. 1-17.
- ELLIS, C. & BOCHNER, A. P. (1996). *Composing ethnography: Alternative forms of qualitative writing*. Walnut Creek, CA.: AltaMira.
- ENGELS, F. (1845/1986). *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global.
- ERICKSON, F. (1986). Qualitative methods in research on teaching. In M. C. Wittrock, *Handbook of research on teaching*. New York: MacMillan, pp. 162-213.
- FINE, M. (1994). Working the hyphens. Reinventing the self and other in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research*. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, pp. 70-82.
- FINE, M.; POWELL, L. C.; WEIS, L. & WONG, L. M. (Eds.), (1997). *Off White: Readings on race, power and society*. New York: Routledge
- FINE, M. & WEIS, L. (1998). *The unknown city: The lives of poor and working-class young adults*. Boston: Beacon.
- FINE, M.; WEIS, L.; WESSEN, S. & WONG, L. (2000). For Whom? Qualitative research, representations and social responsibilities. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research*. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, pp. 107-131.
- GARFINKEL, H. (1967). *Studies in ethnomethodology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- GEERTZ, C. (1989). *A interpretação das culturas*: Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos científicos.
- GEERTZ, C. (1998). *O saber local; novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes.
- GERGEN, K. L. (1991). *The saturated self: Dilemmas of identity in contemporary life*. New York: Basic Books.
- GOFFMAN, E. (1975). *A representação do eu na vida cotidiana*. (1959). Petrópolis: Vozes.
- HERTZ, R.(Ed.). (1997). *Reflexivity and voice*. Thousand Oaks, CA.: Sage.
- HUSSERL, E. (1980). *Filosofia como ciência rigorosa*. Tradução de Albin Beau. Coimbra: Atlântida.
- HUSSERL, E. (1985). *Investigaciones lógicas*. Madrid: Alianza.
- KIRK, J. & MILLER, M. (1986). *Reability and validity in qualitative research*. Beverly Hills: Sage. University Press series on qualitative research methods, v. 1.

- LANDSHEERE, G. (1984). *La recherche en éducation dans le monde*. Paris: P.U.F.
- LeCOMTE, M.; MILLROY, W. & PREISSLE, J. (Eds.), (1992). *The Handbook of qualitative research in education*. San Diego: Academic Press.
- LEMKE, J. (1995) *Textual politics: Discourse and social dynamics*. London: Taylor & Francis.
- LE PLAY, F. *Les ouvriers européens*. 2 ed. Tours Mame, Paris: Pinter 1876-1879. Bibl. Sciences sociales, 7 v.
- LINCOLN, Y. S. & GUBA, E. G. (1985). *Naturalistic inquiry*. Beverly Hills, CA: Sage.
- LOFLAND, J. & LOFLAND, L. H. (1984). *Analysing social settings: A guide to qualitative observation and analysis*. 2. ed. Belmont, CA.: Wadsworth.
- MALINOWSKI, B. (1976). *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova Guiné Melanésia*. (1922), São Paulo: Abril Cultural.
- MANNING, P. K. & CULLUM-SWAN, B. (1994). Narrative, content, and semiotic analysis. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), (1994), *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA.: Sage, pp. 463-477.
- MARCUS, G. E. & FISCHER, M. M. J. (1986). *Anthropology as cultural critique: An experimental moment in the human sciences*. Chicago: University of Chicago Press.
- MAYHEY, H. (1968). London labour and the London poor. In A. Fried & R. Elman (Eds.), *London. 1851-1862*. New York: Pantheon.
- MEAD, M. (1985). *Adolescência, sexo y cultura em Samoa (1928)*. Barcelona: Planeta, Agostini.
- NICHOLSON, L. J. & SEIDMAN, S. (Eds.), (1995). *Social postmodernism: Beyond Identity politics*. New York: Cambridge University Press.
- POPPER, K. R. (1975). *Lógica da investigação científica*. São Paulo: Cultrix.
- POPPER, K. R. (1984). *Conjectures and refutations: The growth of scientific knowledge*. London: Routledge and Keagan.
- ROGERS, C. (1945). The non-directive method as a technique for social research. *American Journal of Sociology*. 54, 4. pp. 279-283.
- RORTY, R. (1985). Solidarity or Objectivity? In J. Rajchman & C. West (Eds.), *Post-analytic philosophy*. New York: Columbia University Press, pp.3-19.
- ROSALDO, R. (1989). *Culture and truth: the remaking of social analysis*. Boston: Beacon.
- SMITH, J. (1993). *After the demise of empiricism: The problem of judging social and educacional inquiry*. Nordwood, NJ: Ablex.
- SMITH, J. K. & DEEMER, D. K. The problem of criteria in the age o relativism. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds), (2000), *Handbook of qualitative research*. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, pp. 877-896.
- THOMAS, W. I. & ZNANIECKI, F. (1927). *The polish peasant in Europe and America*. New York: Knopf.
- TIERNEY, W. C. & LINCOLN, Y. S. (Eds), (1997). *Representation and the text: Re-framing the narrative voice*. Albany: State University of New York Press.

VIDICH, A. J. & LYMAN, S. M. (2000). Qualitative methods: Their history in sociology and anthropology. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds), (2000), *Handbook of qualitative research*. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, pp. 37-84.

WEEB, B. (1926). *My apprenticeship*. New York: Longmans, Green & Co.

WORLD YEARBOOK OF EDUCATION. (1980-1985). London: Kogan Page.

THE QUALITATIVE RESEARCH IN HUMAN AND SOCIAL SCIENCES: EVOLUTION AND CHALLENGES

Abstract

This paper analyses the evolution of qualitative research, divides her evolution in different phases in the past century, and points out the present challenges that has qualitative research. The encompassment that the word 'qualitative' asserts in research, suggests the increasing complexity of questions that has informed such researchs. The evolution since some expressive landmarks shows different conceptions and contributions that have changed the qualitative researchs and an extensive movement of ideas, practices, and technics of research in human sciences in opposition to a sole model.

LA RECHERCHE QUALITATIVE EN SCIENCES HUMAINES ET SOCIALES: ÉVOLUTION ET DÉFIS

Résumé

L'article analyse l'évolution de la recherche qualitative, périodise sa évolution au siècle passé et montre les défis actuels de la recherche qualitative dans le present. L'ampleur du term "qualitative" dans la recherche, suggère la grand complexité de questions que ont renseigné tels recherches. La évolution dès quelques expressives périodes, montre les différentes conceptions et contributions en ce qui concerne le changement de la recherche qualitative dans le siècle et le grand mouvement d'idées, pratiques et techniques de recherche dans les sciences humaines en opposition au modèle unique.